

Autor: Felisa Josefina Puszkin – Escuela de Psicoanálisis de Tucumán

Título: A experiência da psicanálise

Dispositivo: Plenário

---

Eu quero começar agradecendo aos organizadores deste quarto congresso o árduo e produtivo trabalho realizado e que permitiu nos encontrarmos aqui em Buenos Aires para trabalhar em diferentes momentos, espaços e temáticas relacionadas com a psicanálise. Agradeço também aos meus colegas da Escola de Psicanálise de Tucumán que me elegeram para representar à Escola nesta plenária, outra instância de intercâmbio e discussão, neste caso sobre a experiência da psicanálise.

Penso a respeito desta questão, como poderia se delimitar este “A” experiência porque do que se trata não é A experiência da psicanálise se não de que tenha alguma, alguma entre outras, inclusive sabemos que são muitas, muitas no sentido em que podem ser contadas, que têm variações e também repetições.

Como escrever esta “uma” entre “outras”, que é resultado de uma operação; como considerá-la e fazê-la existir, e dizê-la porque é assim que cumpre a função de ser dita. A função é precisamente esta: que tenha uma e outras, e que seja dita.

Também se trata de delimitar, ou mais que delimitar, eu quero dizer barrar, aliviar “A Experiência” no sentido de tirar essa marca de cosmo visão ou de Grande Adição de Toda a Experiência ou de que é a Única, A melhor ou a Pior de todas.

Trata-se então de fazê-la experiência, dizê-la, escrevê-la, encontrá-la, considerá-la como uma função, quer dizer, formando parte de uma lógica discursiva. Isso é dar um primeiro passo.

Partindo disso que tenho enunciado, o segundo passo é formular que esta experiência forme parte do discurso da psicanálise mesmo, quer dizer, que esteja afetada pela dimensão do inconsciente. Esta é uma condição própria da psicanálise, e para tentar saber se podemos responder acerca disso, quero citar Freud num parágrafo com que começa “A cisão do eu nos mecanismos de defesa” de 1938. Diz: “por um momento estou na interessante situação de não saber se o que vou

comunicar vai ser apreciado como algo de um tempo já concebido e evidente ou como completamente original e surpreendente, inclino-me crer no segundo”.

Bom, é um parágrafo que considero que propriamente instaura a dimensão do sujeito do inconsciente, enquanto se trata da experiência de uma *cisãõ* - repedindo o mesmo significante do título – e que, ao redobrá-lo num fato, nesse momento em que “diz não sei”, o inscreve em termos do que poderíamos chamar de *privilegiada experiência do discurso*.

Eu o digo dessa maneira porque trata-se de uma escritura, de uma escritura na que podemos fazer a experiência de uma transmissão, de uma experiência de leitura do inconsciente.

O que podemos ler aqui são varias coisas. E podemos lê-las, e a letra, porque estão precisamente ditas e escritas. Em primeiro lugar, a surpresa. Questão crucial a respeito dos modos de manifestação do inconsciente também assim quando fazemos menção na clínica, à surpresa que produz uma interpretação.

Depois achamos também a repetição. Desta questão tem dois aspetos que se poderiam mencionar: na escolha entre o consabido e o novo, se encontra o “não sabê-lo”.

Finalmente uma posição ética na posição-função do desejo do analista vai estar presente, mas não pela “mise en scène” de um saber, senão pela ação de uma crença e a decisão no seu desejo e então acredita que se trata de uma coisa consabida e evidente, senão nova e surpreendente e quer dizê-lo e o disse, o que quer dizê-lo e o escreve... outra vez.

No que diz respeito a repetição e a transmissão dessa experiência, poderíamos pensar que a gente faz isso como a procura de uma letra ou um traço diferente; essa frase, letra ou traço, uma vez achada, ela ordena de outra maneira, talvez proceda pela via do equívoco, e achamos uma outra razão, já não é mais a mesma, ficou diferenciada pela leitura e tem um som diferente.

Lacan diz com freqüência que se fala e se repete, mas também diz que sempre se diz o mesmo, e que não é igual repetir e falar a mesma coisa. Será que a incidência da repetição na experiência da psicanálise deve ser levada em conta, como também

a repetição na construção daquela transmissão. Vamos voltar àquela repetição depois.

Nas instituições de psicanálise, e também neste congresso, nós estamos falando algumas coisas da experiência da psicanálise, levando ao ato a transmissão de uma experiência. A relação daquela experiência com a função do psicanalista não é uma coisa evidente, mas algo a construir da mesma maneira que as instituições constroem as razões, as modalidades, as práticas e os dispositivos de trabalho com a psicanálise.

Quero fazer uma referência à fala de Lacan na primeira reunião do seminário 20, Encore, porque isso vai permitir introduzir uma questão no que diz respeito a experiência da psicanálise que, poderíamos dizer, é preciso levar em conta. Lacan disse ter se dado conta de que o caminho dele era do tipo de: “Não quero saber nada disso. Isto faz com que, com o tempo, “outra vez” eu esteja aqui, e vocês estarem aí também, sempre me surpreendo com isso, ainda!”.

Depois diz a respeito de sua audiência, que não pode estar mais na posição de analizante do seu não querer saber nada disso.

Isto nos permite considerar que na experiência da psicanálise, o desejo do analista avança pela via do inconsciente e, como consequência do discurso, o desejo do analista fica na interseção entre o não sabido e a resistência do não querer saber; a questão fica então que se trata e ao mesmo tempo não se trata de um discurso em geral, senão como analizante de “seu” não querer saber, e cada um faz na análise aquela experiência.

No mesmo parágrafo, Lacan diz que quando alguém considera que já teve uma dose suficiente da análise do “seu não querer saber nada disso”, sendo um dos analizantes, pode então se desprender da sua análise.

No que eu tenho escrito, tem uma insistência do “seu” nas frases, e é tratando-se desse real que cada um poderia achar o que concerne a ele. Mas também há naquela introdução do seminário outras questões que nos permitem dizer que Lacan está aí porque algo da sua experiência prossegue no seminário... outra vez,. Outra vez, Encore, é a tradução escolhida por Rodriguez Ponte.

Vou fazer referência agora a um breve escrito de Clarice Lispector que forma parte de um livro que faz uma recopilação para um jornal do Brasil. Este que escolhi se chama: “Ao linotipista”.

“Desculpe que me equivoque tanto na máquina. Primeiro porque minha mão direita está queimada. Segundo, não sei por quê. Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. Se ao senhor lhe pareço rara, respeite-me também. Inclusive eu tive que me obrigar a me respeitar. Escrever é uma maldição”.

As razões para incluir este escrito de Clarice Lispector estão vinculadas na presença na suas palavras de um forçamento e estranhamento da língua que pode fazer soar outra coisa que o sentido habitual. Não é um detalhe menor o fato que se trata de escritos para um jornal, precisamente algo menor, que tem essa nota de caducidade, de resto, e que por outro lado, é como o ar que respiramos tão de maneira diferente. É Lacan quem aconselha que a escritura poética pode ajudar ao psicanalista para ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica, e a pesar que a recomendação é da escritura poética chinesa, acho que perfeitamente Clarice Lispector consegue inspirar em e com sua escritura uma parte disso real, que é também o que me refiro neste dizer, transmitir e fazê-la experiência da psicanálise.

No mesmo sentido do íntimo e particular, Walter Benjamin escrevia umas resenhas, comentários de livros para ser publicados num jornal. Notícias cifradas que, ao dizer de Rorberto Calasso, pareciam proceder de um armazém de objetos velhos e usados. Diz Benjamin numa resenha de um livro de Historia dos brinquedos: “Toda experiência de grande profundidade quer insaciavelmente, quer até o fim de todas as coisas a experiência e o retorno, a restauração de uma situação originaria da qual

saiu... o jogo não é só o meio para ser dono das terríveis experiências originárias através de sua mitigação, a evocação maliciosa e a paródia, senão para saborear com a máxima intensidade, como se fosse algo sempre novo, triunfos e vitórias... transformar em hábito a experiência mais impressionante: essa é a essência do jogo.”

O que nos apresenta Benjamin nesse parágrafo parece escondido em algum recanto de “Alem do principio do prazer” de Freud. Precisamente a repetição é uma das questões mais importantes ao dizer alguma coisa sobre a experiência.

Então, como dizer, escrever, transmitir a experiência da posição de analista, de analizante e da prática nas instituições. Há impasses entre cada um destes lugares? Lacan responde que não, mas eu considero que não se trata de se precipitar na mesma resposta, por que a pressa nos impediria descobrir que não é a mesma resposta. De modo que esse não implica a promessa de um percurso, e esta faz o anúncio de um porvir, ao que seria melhor não se negar.

Porque é o real o que retorna sempre ao mesmo lugar, me parece que a experiência da psicanálise participa nisto como um sintoma e cabem palavras semelhantes como as que proferiu Lacan em A Terceira, nos advertindo que o sentido do sintoma depende do provir do real. Eu disse que ele nos adverte a respeito da proliferação do sentido, esse sentido que junta real e sintoma, como o que não funciona, e como os equívocos na escritura de Clarice que o Linotipista quer sumir. O certo é que não funcionam ou não são funcionais e “há que livrar-se deles” ah! Livramos de todo mal! Ah!. Parece uma oração religiosa, e, portanto é, e também é uma oração eficaz do discurso da ciência e do discurso do capitalismo. Estamos suficientemente advertidos?. Em cada caso que eu mencionei não é o mesmo caso e talvez pudéssemos discutir quais políticas tomaremos a respeito dessas advertências.

Eu creio, então, que se trata de uma experiência de trabalho sobre o discurso, a experiência da psicanálise poderia se formular como uma operação lógica sobre essa junção: de linguagem e da *la-langue*, nesse lugar onde colocamos o corpo, mais não tanto, senão muito bem...outra vez